

Educação musical sob a ótica do pensamento complexo

Musical education from the perspective of complex thought

FERNANDA ALBERNAZ DO NASCIMENTO Universidade Federal de Goiás (UFG) ▶ fealbernaz@cultura.com.br

resumo

Este artigo, que tem como foco a formação do professor de música na contemporaneidade, apresenta reflexões fundamentadas no pensamento moriano. Toma como ponto de partida a diversidade cultural na educação, que pode ser resultante das transformações oriundas da globalização, aliada ao desenvolvimento tecnológico, para postular os desafios e as perspectivas da docência. Foi elaborado a partir de resultados de pesquisa e tem por objetivo enfatizar a formação do professor, trabalhando as relações entre o pensamento musical e o pensamento complexo, em contraponto com a fragmentação do conhecimento. Propõe uma “cabeça bem feita” para o educador musical.

PALAVRAS-CHAVE: formação de professores de música, complexidade, pensamento musical

abstract

This article focusing on contemporary music teacher education presents reflections based on the thought of Edgar Morin. It takes as its starting point cultural diversity in education, which may be the result of transformations arising from globalization along with technological development which present teaching with challenges and perspectives. It was written on the basis of research with the objective of emphasizing teacher education, in particular the relationship between musical thought and complex thought as a counterpoint to the fragmentation of knowledge. It proposes that musical education teachers get a “well-done head”.

KEYWORDS: education of music teachers, complexity, musical thought

introdução

A sociedade contemporânea passa por um momento de mudanças e transformações e torna-se cada vez mais diversificada, fato perceptível tanto para um simples observador quanto, principalmente, para um pesquisador atento. As transformações ocorrem no plano das ideias, bem como no comportamento individual e coletivo. As novas ideias contrapõem o pensamento fragmentado ao pensamento complexo. Essas modificações nos conduzem a refletir e a analisar os parâmetros que norteiam a sociedade na contemporaneidade.

As mudanças não ocorrem segundo um padrão previamente definido. Assim, tais movimentos têm gerado um estado de constante instabilidade. Tal conduta exige discernimento, por parte de pessoas, de grupos e de instituições, cujo pressuposto é o pleno respeito às liberdades individuais e coletivas. Nesse processo, não podemos perder de vista a formação e a condição humana, com um pensar aberto e livre.

O princípio epistemológico deste artigo é a articulação entre cultura, educação musical e pensamento complexo. As proposições apresentadas neste trabalho estão focadas no processo educacional da música, em um sentido amplo e diversificado, em consonância com um dos paradigmas da contemporaneidade, que considera o ser humano como um elemento integrador do sistema planetário e entende o homem como sendo natureza e cultura. Seguindo tal paradigma, entendemos que o indivíduo, em sua formação, seja na fase inicial seja na continuada, é capaz de desenvolver um pensamento sistêmico, integrador, sem priorizar a fragmentação dos conhecimentos apreendidos.

A proposta articula esses princípios de cultura, educação musical e pensamento complexo na formação acadêmica do professor de música, que se entende por um indivíduo cujo conhecimento se constrói em sinergia, em forma de rede, em somatória de saberes. Ele deve ter sempre em mente o ser humano em sua totalidade e, para isso, é preciso que as instituições formadoras saibam construir, por intermédio de seus professores, uma “cabeça bem feita”, o que significa que os alunos, em vez de meramente acumularem saber, devem dispor ao mesmo tempo de uma aptidão geral e de princípios organizadores, devem ser ensinados a viver. Esses pressupostos teóricos baseiam-se no pensador francês Edgar Morin, para quem a educação é a formação para a vida.

A composição deste trabalho embasa-se em pesquisa em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Goiás, que tem como um dos lócus de discussão a disciplina “Pensamento Musical e Complexidade”. Após leituras, considerações e reflexões realizadas durante o curso da disciplina em várias turmas, surgiram diversas inquietações, algumas das quais são apresentadas como questões norteadoras: qual é a formação musical que atende à diversidade sonoro/musical da contemporaneidade? Como deve ser um músico portador de uma audição sistêmica, ou seja, uma audição complexa, que envolve o organismo como um todo e ainda o seu contexto? Como o pensamento complexo pode dialogar com a música na formação musical? O que é ter uma “cabeça bem feita” em música?

A ideia norteadora do artigo é propiciar a reflexão sobre as perguntas apresentadas sem ter a pretensão de encontrar respostas para as demais, mas oportunizando ao professor de música um *insight* de uma “cabeça bem feita”, estabelecendo conexões pertinentes com outras áreas de conhecimento.

A interface com outras áreas do conhecimento parte da hipótese de que a música interfere positivamente no processo de desenvolvimento do ser humano, aprimorando os fatores cognitivos e perceptivos do indivíduo, o que por sua vez gera aspectos positivos na relação de integração do indivíduo com a sociedade, com outros indivíduos e com ele mesmo. Este artigo reflete o desejo de cooperar com a formação do homem musical, ou seja, aquele que compreende os sons, na concretização de uma sociedade mais humanizada.

o que se entende por pensamento complexo

A contemporaneidade tem sido marcada pela intensificação da revolução paradigmática, o rompimento com o paradigma reducionista, fragmentador do conhecimento e da realidade em busca de novas explicações sobre o real e a natureza do que é cognoscível. Vários são os autores que têm colaborado para tal mudança. Entre outros renomados cientistas, destacam-se: Edgar Morin, Ilya Prigogine, Basarab Nicolescu, Fritjof Capra, David Böhm, Henri Atlan, Humberto Maturana e Francisco Varela.

Este artigo, valendo-se do caminho e do instrumental de abordagem da revolução paradigmática, baseia-se nos sete princípios da complexidade, que são: 1) *O princípio sistêmico ou organizacional*; 2) *O princípio "hologrâmico"*; 3) *O princípio do circuito retroativo*; 4) *O princípio do circuito recursivo*; 5) *Princípio da autonomia/dependência (auto-organização)*; 6) *O princípio dialógico*; e 7) *O princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento*. Entretanto, priorizam-se o princípio sistêmico ou organizacional, o princípio do circuito recursivo e o princípio dialógico, os quais serão apresentados separadamente, *a posteriori*.

Ao se falar em complexidade, é necessário alimentar-se das obras de Morin sobre o pensamento complexo. Edgar Morin¹ está entre os maiores pensadores do século XX. Possui extensa produção de livros e artigos publicados e traduzidos em diversas línguas. Em sua obra, ele nos ajuda a reconhecer que a organização do conhecimento é feita por operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção e exclusão), lembrando que todo conhecimento comporta separação e ligação, análise e síntese e tudo isso ao mesmo tempo, pois o processo é circular, dinâmico e recursivo. Assim, todo pensamento complexo se cria e recria a partir do seu próprio movimento.

Uma das publicações desse autor que fundamentam as reflexões apresentadas neste trabalho e que trata de um ensino educativo é o livro intitulado em português *Cabeça bem-feita: repensar a reforma e reformar o pensamento* (Morin, 2004). O propósito dessa obra, de acordo com o próprio autor, é "transmitir não um mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre" (Morin, 2004, p. 11).

Para construir o termo "ensino educativo", o autor apresenta os entendimentos de educação, de formação e de ensino, propondo sua junção e sua compreensão a um só tempo. Fazendo uso da definição do dicionário *Robert* para o verbete "educação", Morin (2004, p. 10-11) comenta:

"Educação" é uma palavra forte: "Utilização de meios que permitem assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano; esses próprios meios". (Robert) O termo "formação", com suas conotações de moldagem e conformação, tem o defeito de ignorar que a missão do didatismo é encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito.

Apresenta também uma definição de ensino:

O "ensino", arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile, tem um sentido mais restrito, porque apenas cognitivo. (Morin, 2004, p. 11).

1. É doutor *honoris causa* em 17 universidades de diversos países, tais como Itália, Portugal, Espanha, Dinamarca, Grécia, México, Bolívia e Brasil. Ele transita nas diversas áreas do conhecimento, tais como ciências biológicas, ciências físicas, humanas e educação, entre outras, para estudar os problemas do humano e do mundo contemporâneo. Tem em sua formação a pluridisciplinaridade. É sociólogo, antropólogo, historiador, filósofo e, acima de tudo, é um intelectual livre que propõe uma visão transdisciplinar do pensamento.

Analisando os dois termos separadamente, podemos concluir que eles não são suficientes para atender a formação do ser humano como a proposta do pensamento complexo aponta. Assim, o autor segue dizendo que a palavra “ensino” não é suficiente, ao passo que a palavra “educação” contém um excesso e uma carência. Por esse motivo, Morin sugere um termo que abrange as duas definições, incorporando os antagônicos e os complementares que permeiam as suas palavras: “ensino educativo”.

Para que o ensino educativo seja efetivo, Morin (2004, p. 20) aponta a necessidade da reforma do pensamento ao dizer: “A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino.” Essa proposição colabora para a formação do homem com o intuito de prepará-lo para os desafios da vida, ou seja, aprender a viver na contemporaneidade, o que requer que o homem pós-moderno tenha uma “cabeça bem feita”, a qual se traduz em uma cabeça adequada a organizar os conhecimentos adquiridos, evitando com isso o acúmulo de conhecimento estéril. Assim, entendemos que a educação é a responsável pela formação dessas “cabeças”, conforme se pode depreender da seguinte citação que Morin (2004, p. 47) faz de Durkheim:

Como dizia magnificamente Durkheim, o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o “de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida”.

Morin indica adicionalmente que essa ideia de ensinar a viver requer a transmissão não só de conhecimentos, mas também a transformação do aluno, do seu ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência e da incorporação dessa sapiência para toda a vida. Na educação, trata-se de transformar as informações em conhecimento, de transformar o conhecimento em sapiência, orientando-se segundo as finalidades definidas pelo autor. Acrescentamos ainda o conceito de Morin sobre a escola de vida e a compreensão humana de que as artes – literatura, poesia, artes plásticas, cinema, teatro, dança, música – devem ser consideradas como não apenas objetos de análise, mas também como escolas de vida em seus múltiplos sentidos. Tais transformações fazem parte de uma reforma em todos os níveis, proposta por Morin.

A reforma do pensamento é uma exigência da contemporaneidade. Ela deve criar um pensamento do contexto, na medida em que concebe o sujeito em suas situacionalidades, e um pensamento do complexo, que considera todas as ligações, conexões e relações, em uma perspectiva transdisciplinar. Ao considerar tais relações, gera um pensamento que enfrenta a incerteza, pois o incerto faz parte da vida. A validade da reforma do pensamento fica mais evidente se contrastarmos o pensamento complexo ao pensamento cartesiano. O pensamento cartesiano fragmenta e sequencializa. Possui uma causalidade linear e unidirecional. Mantém a rigidez da lógica clássica e considera o conhecimento do todo como uma soma das partes. O pensamento complexo, por sua vez, unifica e propaga uma causalidade circular e multirreferencial. Promove um diálogo capaz de conceber ao mesmo tempo ideias complementares e antagônicas. Reconhece a integração do todo no interior das partes. Morin apresenta sete diretivas complementares e interdependentes para um pensamento que une o conhecimento. Dentre elas, elegemos três que são norteadoras das considerações deste artigo, quais sejam o princípio sistêmico, o princípio recursivo e o princípio dialógico.

O *princípio sistêmico ou organizacional* é o que liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo e baseia-se em Pascal, que diz: “Considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes.” (Morin, 2004, p. 94). A ideia sistêmica se opõe à reducionista, assim “o todo é mais do que a

soma das partes”, assim como também é menos que a soma das partes, cujas qualidades são dificultadas pela organização do conjunto. A ideia sistêmica assemelha-se, no modo como se organiza, à estrutura de uma partitura musical: as partes existem separadamente, mas estão conectadas entre si e só se conhece o todo na realização do último elemento musical.

O *princípio do circuito recursivo* é um circuito gerador. Os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz, superando a ideia de regulação, de autoprodução e auto-organização. Morin exemplifica isso com a formação dos indivíduos que são produtos de um sistema de reprodução que data do início dos tempos, mas o circuito não pode se concretizar se os indivíduos não se tornarem produtores com o acasalamento. Assim, os indivíduos humanos produzem a sociedade nos intercâmbios e pelos intercâmbios, mas a sociedade produz a humanidade dos indivíduos, munindo-os da linguagem e da cultura. Pensando esse princípio na educação musical, teremos, em um novo paradigma, professores de música bem preparados na sua habilidade e na sua competência, os quais estarão atuando em sua prática docente, formando alunos capazes e competentes, que serão futuros professores para a sociedade. Assim, temos a consolidação desse circuito, que acarretará no aprimoramento da educação musical.

O *princípio dialógico* une dois princípios que deveriam excluir-se reciprocamente, mas são indissociáveis em uma mesma realidade. O autor exemplifica com a fórmula de Heráclito.² Deve-se considerar que a ordem/desordem/organização, a dialógica entre a ordem, a desordem e a organização *via* inúmeras inter-retroações, está constantemente em ação nos mundos físico, biológico e humano. Esse princípio caracteriza-se pelo antagonismo, pela dissonância, pelos opostos, pelos conflitos, que no início apresentam-se desconexos, mas que no decurso da ação mostram-se antagônicos e complementares.

Tais princípios sustentam a reflexão sobre o conhecimento adquirido e o comportamento adotado pelos alunos de música na atualidade, tanto na educação básica quanto na educação superior. Também contribuem para repensar a formação do professor de música, que deve atuar com competência na sociedade contemporânea. Partimos do pressuposto de que tal reflexão deve partir da análise do contexto das universidades, pois este é o lócus da formação docente, onde se dá a educação dos educadores.

As reflexões e análises apresentadas seguem preceitos qualitativos, que respondem a questões particulares e que se preocupam com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Esses preceitos veem o conhecimento como o processo pelo qual as pessoas intuem, apreendem e depois se expressam, entendendo que qualquer ser humano que apreende o mundo, pensa e exterioriza produz conhecimento. Assim, compreende-se que a atividade de pesquisa científica que o docente desenvolve no universo acadêmico permite-lhe mostrar a realidade e interferir nela, provocando transformações.

No contexto acadêmico, onde ocorre a formação de professores, deve-se encontrar uma universidade que é conservadora, no sentido de que memoriza, integra e ritualiza uma herança cultural de saberes, ideias e valores. Mas a instituição acadêmica deve ser também regeneradora

2. Segundo a fórmula de Heráclito: “viver de morte, morrer de vida”. As ideias de morte e vida são, ao mesmo tempo, complementares e antagônicas.

por reexaminar, atualizar e transmitir essa herança. Desse modo, ela será geradora de saberes, ideias e valores que passam, então, a fazer parte da herança. Para colaborar com a missão e a função da universidade, este artigo reexamina e atualiza os saberes da herança cultural, especificamente a musical, tendo em mente um ensino educativo.

No Encontro Internacional para um Pensamento do Sul, realizado em 2011, na cidade do Rio de Janeiro, diversos pensadores apresentaram reflexões balizadas no pensamento de Edgar Morin. Um grupo de trabalho, com representantes de países como Brasil, México, Argentina, Peru, Bolívia, República Dominicana, Colômbia, Canadá e Itália, discutiu especificamente sobre a reforma da educação. Levantaram-se questionamentos relacionados a como o pensamento complexo chegaria aos estudantes, às escolas e às universidades. O grupo de estudo observou, conforme relatado: “Ficou evidente que o primordial estaria no enfrentamento dos diferentes tipos de resistências presentes no pensamento hegemônico e que, em especial, permeiam todas as instâncias universitárias.” (Almeida et al., 2011, p. 52).

Essas discussões se ampliaram, expondo vários enfoques e enfatizando que a reforma da educação deveria acontecer a partir dos seguintes eixos: o ontológico, o epistemológico, o antropológico e o ético-político. Tais eixos são trabalhados muito bem por Edgar Morin em suas obras, que defende não a fragmentação, isto é, o trabalho em um eixo ou outro, mas a abordagem simultânea de todos. Em relação aos aspectos epistemológicos, o grupo ressaltou: “É preciso deixar claro o que se entende por conhecimento, explicitando suas cegueiras e os compromissos éticos implicados em sua produção.” (Almeida et al., 2011, p. 52). Apontaram-se questões que devem ser objeto de estudo:

Como fazer com que os sistemas educativos aprendam a trabalhar com o imprevisível, o inesperado, o novo e o emergente? Como devemos educar para que os alunos possam afrontar o imprevisível? Como criar condições ou circunstâncias que favoreçam a curiosidade, a surpresa e a descoberta? (Almeida et al., 2011, p. 53).

Para viabilizar as ideias propostas nessas questões, é preciso compreender a incerteza como parte constitutiva da vida do ser humano, assim como dos processos autoeco-organizadores planetários. Também, deve-se aprender a dedicar um tempo para trabalhar o imprevisível, decorrente da “ecologia da ação”, e o imaginário.

Dar atenção a todas essas questões não é fácil, pois, apesar de todo o sistema de informação disponível, temos dificuldades para pensar sobre o nosso pensar, para novas descobertas, para sermos originais em nossa maneira de ser, de pensar e de viver/conviver. Surge, então, a necessidade de se evitar a dissonância cognitivo-afetiva, por, conforme sugere Morin, buscar integrar pensamento e sentimento, educação e vida, vida e aprendizagem, dando o devido destaque aos saberes decorrentes das experiências vividas. Para que isso aconteça, a individualidade deve ser respeitada, pois cada um traz consigo a singularidade de sua experiência e tal aprendizagem significativa implica o reconhecimento das experiências vividas, a compreensão dos sentidos das vivências internalizadas e incorporadas por cada um.

Essa reforma do pensamento e da educação exige um quadro epistemológico mais extenso e profundo, pois um dos grandes problemas da educação na atualidade é a insuficiência da formação docente e a dificuldade que muitos professores têm de trabalhar as questões ontológicas e epistemológicas, bem como suas implicações nas práticas educativas. Constatou-se, no Encontro do Sul, que existe um consenso geral entre os participantes dos vários países, sobre a reforma da educação, de que o pensamento acerca dessa unanimidade não deve ser procrastinado, antes se deve considerá-lo em caráter emergencial.

É preciso pensar, com urgência, na formação dos formadores, tanto no que se refere à formação inicial como à formação ao longo da vida profissional, condição para alcance dos objetivos pretendidos a partir desse pensamento. Esta é uma questão chave, uma questão central para a reforma da educação a partir de uma reforma do pensamento do professorado, entendendo que o pensamento do Sul pode dar origem a uma importante rede de formação de formadores, com impacto nos diferentes países. (Almeida et al., 2011, p. 53).

O grande desafio para os professores está em como trabalhar e articular as questões de unidade na diversidade, como compreender a complexidade dos processos de ensino-aprendizagem, incorporar a incerteza, aprender a problematizar a vida, no cotidiano de seus centros educativos e em seus respectivos contextos, em como religar os diferentes saberes e iniciar o diálogo das civilizações.

De fato, o momento atual exige pensar em estratégias integradas e capazes de corroborar a reforma do pensamento e da educação, bem como formar professores de “cabeça bem feita”, que estejam preparados para realizar um ensino educativo. Assim, as estratégias devem envolver todos os atores da escola, as políticas públicas, a administração e inclusive os recursos das novas tecnologias. Nesse processo formativo, devemos ainda considerar e reconhecer os impedimentos reais que dificultam tal trabalho na educação, descobrindo assim as brechas e fendas que nos permitem colocar em ação o pensamento complexo no âmbito educacional.

Frente a essa discussão da contemporaneidade, que tem provocado transmutações, urge pensar em caminhos viáveis para uma reforma da educação. Sendo assim, consideramos que a educação musical está inserida nesse movimento de reforma, a qual inclui a formação inicial e a formação continuada em música, enfim, todo o processo constituinte do desenvolvimento musical, ressaltando a orientação dos formadores, nas universidades, priorizando perspectivas que privilegiem uma “cabeça bem feita” e um ensino educativo em música.

Embora a diversidade sempre tenha existido, na contemporaneidade passa por um momento de valorização, pois o senso de democratização que observamos no Brasil explicita as particularidades de cada indivíduo em suas diferentes culturas. Esse movimento ressalta valores das culturas, enfatizando as especificidades sem o reconhecimento de uma cultura como a dominante. Nesse contexto, o grande desafio da educação é educar para a multiplicidade.

A preocupação com a diversidade cultural e social já ultrapassou os muros da escola e da universidade, pois podemos constatar que a sociedade está discutindo esse tema em jornais. Em contrapartida, discute-se pouco esse tema no meio acadêmico. Se os próprios membros da sociedade estão incomodados com o assunto, fica um alerta para os professores formadores quanto à necessidade de propagar essa discussão. O objetivo deve ser formar educadores para a diversidade, sujeitos críticos e reflexivos que sejam capazes de transmitir conhecimentos significativos, por intermédio de um ensino educativo.

Recordemos o exemplo do filme *Entre os muros da escola* (Entre les murs, 2008), cujo enredo se passa em uma sala de aula marcada por diferentes ordens de conflitos provocados pela diversidade cultural. Em determinado momento, uma aluna adolescente de ascendência árabe questiona seu professor, com um senso de ironia, sobre os livros didáticos adotados pela escola. A aluna levanta a questão com relação aos personagens que têm apenas nomes franceses, como se não existissem pessoas com nomes árabes. Esse fato indica que a estudante queria apenas ilustrar o desconforto sentido por ela e por diversos outros jovens de origem não francesa e o choque cultural vivido naquela sala de aula, naquela escola e em toda França.

o desafio de educar para a diversidade

Trata-se de um exemplo do contexto europeu, onde o tema da diversidade na escola tem ganhado atenção há algumas décadas. São realidades enfrentadas com dificuldades pelo sistema educacional. Vale a pena ressaltar que essa realidade não é uma particularidade da França, está presente também em outros países, como o Brasil, país que tem a diversidade cultural em suas raízes históricas, amalgamando influências indígenas, africanas e europeias. Segundo o estudioso argentino Néstor García Canclini (2003), em seu livro *Culturas híbridas*, os latino-americanos têm uma cultura híbrida. Em uma perspectiva social, as escolas brasileiras, principalmente as escolas públicas, reúnem crianças de diferentes situações socioeconômicas, que têm suas próprias experiências e aprendem em seu próprio ritmo. A diversidade cultural brasileira manifesta-se também de outra maneira, por meio do regionalismo, intensificado por uma formação cultural híbrida e uma extensão geográfica continental. Assim, embora haja uma mesma legislação para o país, temos de respeitar a variedade cultural, pois podemos constatar que, como em outros países, um dos maiores desafios da escola contemporânea brasileira é educar para a diversidade.

Se tomarmos como referência as publicações de livros, seminários e oficinas, podemos verificar que o tema da diversidade está em voga, mas ainda vivemos em dois mundos: o das teorias e o das práticas defasadas. De fato, observa-se que as escolas brasileiras, de um modo geral, ainda parecem funcionar como se abrigassem apenas um tipo de estudante, que deveria ser o aluno ideal, que corresponderia a todos os estereótipos que desejamos de forma consciente ou inconsciente. Fazendo nossas as ideias do autor português João Barroso, no Encontro Internacional para um Pensamento do Sul, ainda educamos a muitos como se fossem um só, e não a todos como se fossem cada um. Então, a discussão sobre a diversidade existe, mas não se faz presente de forma efetiva, ficando em segundo plano, pois as diferenças individuais, especialmente as ligadas às questões sociais e culturais, são simplesmente ignoradas.

É preciso ocorrer uma mudança. Isso requer que os sons oriundos da diversidade soem nas escolas da educação básica. As salas de aula são um espaço fecundo para as trocas de particularidades, para que as crianças se expressem, ganhem autoestima, que se orgulhem do que são e se encontrem em contexto multicultural. Mas a transformação deve iniciar-se nas instituições formadoras, nas universidades, que são as responsáveis pelos profissionais que atuarão na educação.

No que diz respeito à educação musical, não podemos permanecer “entre os muros da escola”, isto é, reproduzir o mesmo modelo defasado de educação que desconsidera a diversidade cultural. Precisamos acompanhar as mudanças da sociedade. A formação dos educadores musicais deve seguir o movimento de valorização da cultura. Precisamos demonstrar atitudes que mostrem uma consciência crescente da demanda cultural e uma necessidade de se mergulhar em nosso próprio patrimônio para que o ensino universitário de música se torne brasileiro. Assim, estaremos educando musicalmente com as diferenças, assumindo que o ensino terá a responsabilidade de preservar o patrimônio cultural, trabalhando com a diversidade social e cultural e sem perder de vista as culturas musicais do mundo.

Inevitavelmente, tais considerações conduzem à percepção de que a questão da diversidade precisa contemplar as práticas pedagógicas cotidianas da educação musical. Exige-se que as universidades e os institutos formadores preparem os professores para uma mudança de atitude e de paradigma, subsidiando uma “cabeça bem feita”, para criar um ambiente sonoro musical onde as diferenças sejam o combustível do ensino educativo.

percepção sonora musical contemporânea

A diversidade cultural traz à contemporaneidade uma nova maneira de perceber os eventos sonoros, ampliando as possibilidades do som, o que dificulta no primeiro momento a audição, mas ao mesmo tempo origina vivências sonoras nunca dantes ouvidas ou experienciadas. Segundo Murray Schafer (2009, p. 15),

hoje, em todos os lugares do mundo, a paisagem sonora está mudando. Os sons estão se multiplicando ainda mais rapidamente do que as pessoas, à medida que nos rodeamos com mais e mais dispositivos mecânicos.

Além disso, passamos por um momento de transmutação. Verificamos que o contexto escolar mudou muito. A comunicação e as relações entre professor e aluno não são as mesmas de gerações passadas. Tal situação fica evidente se compararmos a sala de aula das gerações presentes ao contexto em que os atuais professores e pais estudaram. No caso destes, as informações se restringiam aos meios de comunicação como rádio e jornal, talvez, para alguns, também a televisão. Atualmente, os meios de comunicação que atingem a maioria da população oferecem informações abundantes, permitindo o acesso a variadas culturas e o contato com a pluralidade de modos de viver e pensar. Na escola contemporânea, é comum a presença de alunos de todas as classes sociais e com suas singularidades ideológicas.

Em salas de aula, em particular de música, seja na educação básica seja na educação superior, convivem diferenças sonoro-musicais, tanto as derivadas das condições vitais de sobrevivência como as oriundas das ideologias individuais. Essas diferenças determinam um espaço no qual as mais diversas teorias compõem e coexistem segundo o princípio da pluralidade e onde procedimentos democráticos deveriam assegurar a todos condições para que se sintam partes do mesmo processo de ensino-aprendizagem.

No decorrer da docência universitária, mais explicitamente nas últimas décadas, percebemos um descompasso no processo de cognição e de percepção dos alunos de música frente à diversidade dos sons e dos estímulos musicais que traduzem a linguagem musical contemporânea. Essas divergências podem ser compreendidas se considerarmos o contexto da contemporaneidade e as alterações sociais e culturais ocorridas no tempo atual. Observa-se que essas rápidas mudanças são provenientes de vários fatores, entre os quais enfatizamos o advento da globalização, que por sua vez contribuiu para o desenvolvimento das comunicações, com o fax, o telefone celular, a internet e a comunicação instantânea em todos os pontos do planeta, aproximando a comunicação entre as pessoas. Consequentemente, tem mudado a relação entre as pessoas e o processo de aquisição de conhecimento. Esses são fenômenos notáveis e consideráveis, com efeitos tanto positivos quanto negativos, que permitem comunicar, entender e intercambiar informações, e têm transformado as relações humanas neste início do século XXI.

Esse evento de comunicação tem provocado, não de forma homogênea, uma mudança no perfil dos alunos de música e uma alteração na comunicação entre o professor e o aluno. O discurso apresentado pelo professor em sua atividade docente tem sofrido de um ruído branco, nome dado ao fenômeno da combinação simultânea de sons de todas as frequências, resultando em ruídos indistintos. Do mesmo modo, a recente explosão de comunicação e o excesso de informações têm resultado em distorções na compreensão das mensagens transmitidas pelo professor. Tal qual o ruído branco, a expansão descontrolada do saber causa incompreensão, pois, segundo Morin (2004, p. 16-17),

o crescimento ininterrupto dos conhecimentos constrói uma gigantesca torre de Babel, que murmura linguagens discordantes. A torre nos domina porque não podemos dominar nossos conhecimentos. T. S. Eliot dizia: "Onde está o conhecimento que perdemos na informação?" O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas. As informações constituem parcelas dispersas de saber. Em toda parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados em informações. O especialista da disciplina mais restrita não chega sequer a tomar conhecimento das informações concernentes a sua área. Cada vez mais, a gigantesca proliferação de conhecimentos escapa ao controle humano.

Assim, com o intuito de abrandar o ruído dessa comunicação e encontrar o conhecimento que perdemos no excesso de informações no campo sonoro musical, buscamos vertentes alternativas que auxiliam tanto o professor como o aluno na compreensão dos desafios contemporâneos, para que seja possível um processo de ensino e aprendizagem no qual se efetive a proposição de ensino educativo da música.

Acreditamos que o primeiro passo a ser dado pelo professor nesse processo de mudança, de transformação, deve ser a tomada de consciência do seu contexto sonoro em conexão com o ambiente planetário. Compartilhamos das ideias de Schafer (2001), que acredita na existência de um caminho. O trajeto para melhorar a paisagem sonora mundial, segundo o autor, é muito simples, reto, sem muitas curvas. Ele sugere que é necessário aprender a ouvir, hábito que considera esquecido pelo homem da pós-modernidade. Nesse sentido, a consciência do homem exige uma sensibilização do ouvido para o mundo de sons à sua volta. Depois que as pessoas tiverem desenvolvido alguma perspicácia crítica sobre a paisagem sonora poderão caminhar em direção a projetos maiores, que tenham implicações sociais. Desse modo, outras pessoas poderão ser influenciadas por tais experiências. Tal postura deverá ser tomada na docência musical, pois, como especialistas dos sons, seremos os atores transformadores do ambiente acadêmico, como também do contexto social, cultural, ecológico e planetário. "O objetivo maior é tornar conscientes as decisões a respeito de projetos que afetam a paisagem sonora à nossa volta." (Schafer, 2009, p. 17).

Schafer (2001) nos indica um caminho norteador para a mudança de paradigma da linguagem sonora, permitindo-nos uma nova e ampla percepção da organização dos sons, derrubando fronteiras e unindo saberes, principalmente no que tange à ecologia do som. Mas no decurso da pesquisa em questão, entendemos que as ideias apresentadas por Schafer (2009) podem e devem ser complementadas com as de Morin, no sentido de ampliar e desenvolver aspectos na formação do professor de música. Baseando-se no princípio dialógico, acreditamos que deve existir uma interlocução entre os saberes e os autores.

Como educadores musicais contemporâneos, em consonância com Schafer e Morin, necessitamos enfatizar a abordagem social, cultural, ecológica e planetária comum a todos nós e assim compreender as inter-relações ecossistêmicas que entrelaçam os diferentes domínios da natureza. Para tanto, é preciso reconhecer e ter consciência da interdependência entre o ambiente, o ser humano, o pensamento e os processos de desenvolvimento, que acontecem não apenas em relação aos processos cognitivos, emocionais e espirituais, mas integram razão, emoção, sentimento, imaginação e intuição. Entendemos que somente as ideias de Schafer (2001, 2009) não são capazes de abarcar todas as proposições apresentadas, mas podem ser ampliadas com o conhecimento de outras áreas do saber. Consideramos também que, no contexto atual, o educador musical deve preocupar-se com a informação e com a diversidade na formação educacional, de maneira que essas se tornem um instrumento de interlocução, de diálogo multifacetado e multidirecional.

pensamento musical e complexidade

Retomando uma das questões norteadoras deste artigo: como o pensamento complexo pode dialogar com a música? O pensamento complexo dialoga com a música quando o consideramos enquanto campo de conhecimento, pois tanto a música quanto o pensamento complexo estruturam-se sob a forma sistêmica. Em ambos os campos, todos os elementos estão ligados e conectados entre si. Esse diálogo entre os conhecimentos tem ocasionado um acréscimo qualitativo na compreensão e apreensão dos elementos musicais na prática profissional do educador musical. Mas a contribuição do pensamento complexo não se restringe ao diálogo interdisciplinar; antes, vai além, pois sua compreensão se estende a um novo paradigma na música. Com base em uma nova maneira de pensar o mundo e o próprio conhecimento, busca-se priorizar nessa abordagem a música enquanto prática social e enquanto pedagogia da música.

O contexto sonoro musical da contemporaneidade demanda uma ampliação da compreensão dos saberes, um rompimento com as fronteiras das áreas de conhecimento, permitindo a circularização de ideias, conceitos, princípios e preceitos sem que se perca a especificidade de cada campo. Assim, as condições impostas na contemporaneidade põem o educador musical em uma nova situação, exigem uma postura diferenciada, requerem que a docência musical tenha em sua essência um pensamento musical amplo, democrático, sem preconceitos, sem barreiras, um conhecimento musical múltiplo, plural, ou seja, um pensamento musical complexo.

Ponderando sobre o pensamento musical e a complexidade e sem a pretensão de indicar assertivas, propõe-se, como possível caminho para atender as inquietações levantadas, uma interface entre a reforma do pensamento, proposta por Morin, e a formação docente em música, em um princípio dialógico. Essa interconexão de saberes entre as áreas possibilita uma mudança de pensamento do professor, que, conseqüentemente, movimenta-se seguindo o princípio recursivo, cujo intuito é reformar o pensamento musical para reformar o ensino da música e reformar o ensino da música para reformar o pensamento musical. Essa modificação do pensamento e do ensino leva à compreensão de uma mudança na sociedade e aponta para a abrangência sistêmica. Assim, o princípio sistêmico, que se realiza na totalidade das ações e concepções e que se relaciona e se conecta no sistema educacional, leva o pensamento musical para além do conhecimento fragmentado, que separa e desconecta, por tornar invisíveis as interações entre um todo do conhecimento e suas partes, anulando o complexo e ocultando os problemas essenciais da música.

A proposição de pensamento complexo que reforma o pensamento musical tem como propósito formar indivíduos, professores e alunos que tenham em sua base epistemológica uma formação musical plural, de valorização da diversidade cultural, que sejam músicos portadores de audição sistêmica. Também, que sejam portadores de uma mente complexa, oriunda do pensamento complexo, atendendo, no momento, as exigências da contemporaneidade e priorizando, sempre, o ensinar a condição humana.

A maneira como observamos a realidade musical e nos relacionamos com ela está profundamente imbricada com os valores professados, com os hábitos, as atitudes, as crenças, os objetivos e os estilos de vida. Desse modo, uma visão mais estreita, fragmentada e limitada da realidade influencia nossa maneira de pensar, sentir e agir na esfera da música, bem como a maneira de perceber a pulsação da vida sonoro/musical entre e ao redor de cada um de nós.

Assim, a cognição e a percepção de organizações sonoras diversas em atividades individuais ou em grupos, independentemente da satisfação emotiva provocada pela própria música, contribuem para o aprimoramento físico, psicológico, intelectual e emocional do indivíduo. Tal

contribuição deve-se ao fato de que a atividade musical oportuniza o reconhecimento de aptidões pessoais e o aprimoramento do sentido auditivo, da inteligência, do raciocínio e da sensibilidade.

A proposição apresentada vislumbra a mudança de paradigma na formação do professor de música, um novo paradigma, que atenda à diversidade e às transformações de nossa sociedade. A proposta ressalta um ensino educativo que valoriza a formação humana sem abrir mão dos demais aspectos musicais. O professor de música formado sob esse novo paradigma terá uma “cabeça bem feita” e estará preparado para lidar com as adversidades do ensino. Seu desempenho será a contribuição para a prática profissional em educação musical.

Em essência, é a “cabeça bem feita” que “nos dá a aptidão para organizar o conhecimento, o ensino da condição humana, a aprendizagem do viver, a aprendizagem da incerteza, a educação cidadã” (Morin, 2004, p. 103). Devemos preparar as mentes musicais para responder aos desafios que a crescente complexidade dos problemas impõe ao conhecimento humano.

referências

ALMEIDA, M. da C. et al. Grupo 2. A reforma da educação. In: ENCONTRO INTERNACIONAL PARA UM PENSAMENTO DO SUL, 1., 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: SESC: Departamento Nacional, 2011. p. 50-61.

ENTRE LES MURS. Direção: Laurent Cantet. Produção: Simon Arnal, Caroline Benjo, Barbara Letellier e Carole Scotta. Paris: Haut et Court, 2008. 128 min, color., 35 mm.

GARCÍA CANCLINI, N. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensando a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SCHAFER, R. Murray. *Afinação do mundo*. Tradução Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

_____. *Educação sonora*. Tradução Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

Recebido em
30/11/2011

Aprovado em
02/02/2012